



O Estar no Rio: Vivências e Práticas de Pescadores Artesanais

Ana Flávia Rocha de Araújo, Andréa Maria Narciso Rocha de Paula, ADINEI ALMEIDA CRISÓSTOMO, Ludiana Martins Silveira, Queite Marrone Soares da Silva, Wanderleide Berto Aguiar, Wesley Ribeiro Carvalho Pimenta

Introdução

A presente pesquisa estrutura-se como resultado do trabalho de conclusão de curso, onde procurou evidenciar os modos de vida de pescadores artesanais no Município de Buritizeiro, Norte de Minas Gerais, bem como, caracterizar as técnicas de manejo na atividade pesqueira. Com mais de 500 anos de história, o Rio São Francisco se faz presente na identidade, na oralidade, na vivência, nas místicas e na vida do povo ribeirinho. Abordar um assunto de tamanha relevância, especialmente nos dias atuais em que nos deparamos com uma intensa transformação do espaço natural devido às interferências do homem no ambiente se torna indispensável, principalmente numa discussão sobre o São Francisco. Paula [1] em uma notável concepção sobre o Rio São Francisco caracteriza este como sendo um divisor de águas, das culturas materiais e imateriais e da identidade da população sertaneja ribeirinha. Através destas distinções e destas especificidades das sociedades ribeirinhas juntamente com as especificidades postas pelo Rio (espaço, ambiente, delimitação) há o reconhecimento de um *modo de vida* específico e um *saber fazer* característico, presente no cotidiano destes pescadores artesanais. Uma das principais concepções que cercam este grupo social de pescadores é a autoafirmação em ser um ribeirinho-pescador. Numa visão científica posta pelas Universidades, consideramos essa autoafirmação uma identidade, que varia de conceituação de acordo com cada autor. Segundo Castells [2] “identidade é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados”. Esta construção de significados relacionados e inter-relacionados a um determinado *significante*, é o ápice para a caracterização da pesca como um símbolo presente na vida dos pescadores e que é reproduzido diariamente sob uma forma particular de reprodução. Tal forma particular considero ser o *saber-fazer* adquirido ao longo do tempo por cada sociedade; sendo este adaptado às dinâmicas de transformação do *espaço físico e espaço cultural*.

Material e métodos

O trabalho envolveu em sua estrutura uma abordagem sócioantropológica com os estudos voltados para as relações entre cultura e comunidade, tradição e modernidade, identidade e diversidade dentro do âmbito regional; o que colaborou de maneira positiva para o enriquecimento do trabalho, além de proporcionar um maior conhecimento a cerca da própria região. Neste sentido, a etnografia foi a metodologia utilizada como forma de registrar a realidade vivenciada, através das técnicas de campo como, o diário de campo que se insere as observações participantes, ou seja, o dia-a-dia observado e analisado de forma escrita, e de entrevistas livres e estruturadas que fomentam as discussões e as propriedades do trabalho em si. Dentro da metodologia da presente pesquisa foram desenvolvidos às etapas da pesquisa aonde foi privilegiado: um levantamento bibliográfico de livros, artigos, monografias, dissertações e teses sobre as questões norteadoras da pesquisa e com enfoque voltado para a cultura, cultura popular, cultura tradicional, patrimônio cultural, a história da cidade (Buritizeiro), território, territorialidade, dentre outros. Ressaltando os debates, fichamentos e seminários sobre o tema, que foram discutidos nas reuniões do grupo de estudos e pesquisas do São Francisco – OPARÁ; bem como, a leitura da literatura de João Guimarães Rosa como suporte para o arcabouço teórico da pesquisa. Portanto, a partir de todo esse levantamento bibliográfico e análise do mesmo, foi possível compreender e caracterizar a área do objeto de estudo.

Resultados e Discussão

De acordo com Paula [1] o rio esta presente nas especificidades de cada lugar: ponto de partida e chegada, espelho de crepúsculos e luas, de modos de vida e de trabalho. As populações em suas margens e no seu entorno viviam em cronologia com o rio. Secas e cheias eram tempos e espaços de plantar, colher e viver. O homem fazia o seu tempo e seu espaço no tempo e espaço da natureza. A noção de grupo social além de uma vivência coletiva *no e do* espaço social, se torna uma dinâmica produtiva que envolve em seu contexto a profissionalização em termos legais da pesca. Contudo, a pesca nas corredeiras em Buritizeiro – MG é legitimada pelos pescadores em seu *saber-fazer* diariamente, e não legal (de ilegalidade) aos olhos do Estado. Neste sentido, as concepções de espaço numa visão geral, são capazes de fornecer

Apoio financeiro: FAPEMIG, CNPq

Grupo de Estudos e Pesquisas sobre comunidades tradicionais/OPARÁ – CEPEX 096/2011.



FÓRUM ENSINO • PESQUISA EXTENSÃO • GESTÃO FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:



APOIO:



FAPEMIG



FADENOR

24 a 27 setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

posições sociais que se evidenciam em espaços de disposições ou do *habitus*. Para Bourdieu [3] “O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas”.

Para Bourdieu [3] esta concepção de diferença, de separação, está no fundamento da própria noção de espaço, que segundo o mesmo é um conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua *exterioridade mútua* e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem, como acima, abaixo e *entre*. O *habitus* por si só são princípios geradores de práticas distintas, dentro de espaços distintos. Sua essencialidade esta voltada para as diferentes práticas simbólicas que constituem uma verdadeira linguagem. Linguagem esta que são as particularidades de cada sociedade, comunidade ou grupo; o que os tornam diferentes, únicos e essenciais. Neste sentido, sendo um espaço de culturas, de símbolos, de identidades, o São Francisco constitui uma história própria. Conhecido antigamente como Velho Chico o São Francisco colaborou na transformação da região norte mineira e eclodiu na economia do país.

De acordo com Paul Little [4], a territorialidade humana tem uma multiplicidade de expressões que produz grande diversidade de territórios e que manifestam suas particularidades socioculturais. Para Diegues [5] isso só é possível porque os grupos culturalmente diferenciados, em sua trajetória histórica, construíram e atualizaram seu modo particular de vida e de relação com a natureza, considerando a cooperação social entre seus membros, a adaptação a um meio ecológico específico e um grau variável de isolamento. De acordo com Diegues [5] “o território é concebido como o espaço concreto e simbolicamente apropriado por determinado grupo social, cheio de significações”. Através desta vertente do concreto é que o homem afirma uma identidade com este espaço enquanto lugar, e consequentemente constrói uma territorialidade, que apesar de possuir vários significados, atua em toda dimensão social, cultural e política. Esta soma dos saberes e das técnicas de uma comunidade ou determinado grupo social são os símbolos que caracterizam as especificidades de cada um.

Conclusão/Conclusões

Caracterizar o homem sertanejo ou o pescador barranqueiro do Rio São Francisco a partir de uma lógica vivenciada pelos próprios moradores é o ápice desde trabalho; assim como perceber e compreender as construções de vida, de cultura, de saber e de viver desde ribeirinho que tem no Rio São Francisco as mais diversas formas de viver e de relacionar entre si e com a própria natureza. A pesquisa comprovou que a pesca é elemento de identidade dos sujeitos que vivem na cidade de Buritizeiro e que sobrevivem da atividade. Estar no rio, fazer a pesca, comercializar o pescado são atividades que definem ribeirinhos e constroem a territorialidade ao construir um modo de vida baseado no saber fazer. Ritos, preceitos, hábitos são referenciados e passados entre gerações o que provoca a permanência da atividade pesqueira em tempos e espaços da modernidade. Nos dias de hoje, uma das grandes preocupações de cientistas, biólogos e ambientalistas é a degradação do meio ambiente, que assola as margens do Rio São Francisco. O esgoto urbano e industrial, as queimadas, o uso inadequado do solo, os desvios para irrigação e para as hidrelétricas, as plantações de Eucalipto e o desmatamento das matas ciliares são algumas das atividades mais agravantes de degradação; bem como, a transformação do espaço físico do rio, que acarreta na mortandade e falta de peixes em seu leito, atingindo assim os pescadores da região que vivem da pesca ou encontram na pesca uma complementação econômica.

Depois de séculos de exploração inapropriada das águas do “Velho Chico”, beneficiando as mais diversas camadas hierárquicas da sociedade brasileira, hoje ele se encontra em estado “preocupante” quanto a sua preservação, e em processo de transposição das suas águas para o Semi-Árido brasileiro. Enquanto discurso “politicamente correto” o processo de transposição abrange perspectivas positivas e negativas, envolvendo em seu contexto posicionamentos diversos. Neste sentido, as populações que conseguiram se sustentar e manter através das águas do rio, criaram ciclos bem definidos de trabalho e lazer, diferenciando suas atividades das demais atividades regidas pelos sistemas capitalistas.

Sendo assim, a pesca artesanal nas corredeiras do São Francisco é hoje caracterizada por um grupo de pescadores, que não utilizando mão-de-obra assalariada, capturam o pescado através de técnicas manuais e de baixo custo financeiro. Contudo, com as dificuldades da pesca advindas da devastação do rio, da proibição da pesca nas corredeiras, dos pescadores amadores, existe na atualidade uma necessidade de profissionalização deste pescador. É nesta busca de “qualificação”, de encaixe nos padrões exigidos pela massa do Estado, que ocorre o confronto entre os saberes tradicionais e a inevitável busca de colaboração dos Projetos Estatais na sustentabilidade dos povos e comunidades tradicionais. A pesca compreendida como ritual, os saberes adquiridos dessa prática juntamente com o processo de transposição proposto como forma de desenvolvimento para a região, que surge o contra ponto território enquanto água e território enquanto terra.



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:



Unimontes
Universidade Estadual de Montes Claros

APOIO:



FAPEMIG



FADENOR

24 a 27
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

Referências

- [1] PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de. *Travessias – Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas*. Tese de doutorado. UFU, 2009
- [2] CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade. A construção da identidade*. Volume II; Editora Paz e Terra S/A; São Paulo, 2008.
- [3] BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas sobre a teoria da ação*. Papirus Editora; 1996.
- [4] LITTLE, Paul. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade*. In: Anuário Antropológico 2002/2003. Rio de Janeiro: 2004.
- [5] DIEGUES, Antonio C. *Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil*. Ministério do meio Ambiente, 2001.